

## O parque e o povo: história ambiental do Parque Municipal do Mocambo - Patos de Minas<sup>1</sup>

*The park and the people: environmental history of Parque Municipal do Mocambo - Patos de Minas*

### **Alison Luiz de Oliveira**

Graduando do curso de História (UNIPAM).  
E-mail: [alisonluiz@rocketmail.com](mailto:alisonluiz@rocketmail.com)

### **José Aurélio Nascimento Souto**

Graduando do curso de História (UNIPAM).  
E-mail: [joseaurelions@unipam.edu.br](mailto:joseaurelions@unipam.edu.br)

### **Pablo Vinicius Alves**

Graduando do curso de História (UNIPAM).  
E-mail: [pabloviniciusalves2@hotmail.com](mailto:pabloviniciusalves2@hotmail.com)

### **Raissa Gonçalves Galvão**

Graduanda do curso de História (UNIPAM).  
E-mail: [galvaoraissa@hotmail.com](mailto:galvaoraissa@hotmail.com)

---

**Resumo:** O presente trabalho visa analisar o Parque Municipal do Mocambo (localizado em Patos de Minas) dentro da perspectiva da História Ambiental. Para compor o estudo, uma rica gama de fontes foi usada, como notícias de jornais, leis, fotografias, estudos científicos, levantamentos da fauna e flora. Todas essas fontes foram empregadas com o objetivo de identificar e situar o Parque do Mocambo dentro do contexto dos processos de urbanização e modernização da cidade, enfatizando-o como um espaço verde necessário para o lazer e para a “fuga” da “selva de pedra”. Para isso foi feita a análise das fontes, em combinação com o suporte do levantamento bibliográfico referente à História Ambiental. Percebe-se mais do que uma imposição humana sobre a natureza, esta, constituindo-se em um meio autônomo, independente do ser humano, também exerce a sua força sobre o homem.

**Palavras-chave:** História Ambiental. Mocambo. Urbanização. Patos de Minas. Parks.

**Abstract:** This study aims to analyze “Parque Municipal do Mocambo” (located in Patos de Minas) within the perspective of environmental history. To compose the study, a rich range of sources was used, such as newspaper reports, laws, photographs, scientific studies, fauna and flora inventories. All these sources were used to identify and locate Mocambo park within the context of urbanization and modernization processes of the city, emphasizing it as a green space necessary for leisure and for the “scape” from the “concrete jungle”. For this purpose, a source analysis was conducted, in combination with with the support of the bibliographical survey referring to the Environmental History. It was

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado das pesquisas realizadas durante o primeiro semestre de 2018, na disciplina Projeto Integrador III, do curso de História do Centro Universitário de Patos de Minas, sob orientação do Prof. Me. Thiago Lemos Silva.

observed that there is more than a human imposition over nature: as an autonomous environment, independent of the human beings, nature also exerts its force over man.

**Keywords:** Environmental History. Mocambo. Urbanization. Patos de Minas. Parks.

---

## 1 Introdução

*Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralise os negócios,  
garanto que uma flor nasceu (DE ANDRADE, 2012, p. 33)*

Homem e natureza são partes indissociáveis na constituição e funcionamento do universo. Ambos se relacionam, se modificam e se influenciam mutuamente. “A natureza está no homem e o homem está na natureza, porque o homem é produto da história natural e a natureza é condição concreta, então, da existencialidade humana.” (MOREIRA *apud* DE OLIVEIRA, 2002, p. 1).

Essa relação intrínseca, no entanto, foi e ainda é apresentada de forma antagônica e hierárquica, com o homem, dotado de inteligência e racionalidade, se sobressaindo e dominando a natureza. Tem-se, portanto, a separação destas duas partes, colocando-as como entidades opostas e não recíprocas.

Francis Bacon (séc. XVII), concebia a natureza como algo exterior à sociedade humana, pressupondo uma separação entre natureza e sociedade, haja vista a relação entre ambas ser concebida como mecânica, ou seja, o homem exercia seu domínio sobre a natureza através das artes mecânicas. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 2)

Segundo De Oliveira (2002), essa dualidade entre natureza e ser humano teria suas raízes em Kant, já que para este autor a natureza interior dos seres compreendia suas paixões cruas, enquanto a natureza exterior seria o ambiente físico em que os homens viviam.

Com Platão e Aristóteles já havia um certo privilegiamento do homem e das ideias e um certo desprezo por determinados elementos que se convencionou denominá-los como parte da natureza física (pedras, plantas etc). O pensamento mítico dos retóricos e sofistas pensadores cedeu lugar ao pensamento daqueles que passaram a compor a filosofia grega. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 4)

A visão da natureza como algo desconhecido, sem uma racionalidade inerente e como uma entidade não produtora de conhecimento levou à separação conceitual e física do homem com o meio orgânico em que se insere. Com o advento da modernidade, da urbanização e da industrialização, isso se acentua, reafirmando a concepção dominadora do ser humano, em que sobrepujar a natureza tornou-se a tônica do desenvolvimento.

A ideia de uma natureza objetiva e exterior ao homem, o que pressupõe uma ideia de homem não-natural e fora da natureza, cristaliza-se com a civilização industrial inaugurada pelo capitalismo. As ciências da natureza se separam das ciências do homem; cria-se um abismo colossal entre uma e outra e, [...] tudo isso não é só uma questão de concepção de mundo [...]. (GONÇALVES, 1998, p. 35)

Em contraponto a essas concepções dualistas entre natureza e homem temos a contribuição de Marx. “Para Karl Marx (século XIX), é preciso buscar a unidade entre natureza e história, ou entre natureza e sociedade, pois a natureza não pode ser concebida como algo exterior a sociedade, visto que esta relação é um produto histórico.” (DE OLIVEIRA, 2002, p. 3). Marx tece uma interpretação dialética de natureza, em que ser humano e meio orgânico se inter-relacionam e se conectam.

Marx adotou o conceito de metabolismo ou interação metabólica, para possibilitar a compreensão de que há uma mediatização da sociedade com a natureza, e que a força motivadora dessa interação é o processo de trabalho, pois tanto o sujeito – o trabalhador, como o objeto – a matéria-prima a ser transformada – são fornecidos pela natureza ao trabalho. (DE OLIVEIRA, 2002, p. 3)

O avanço da sociedade industrializada fez crescer os grandes empreendimentos de engenharia, fez avançar a tecnologia e a pesquisa e com isso a natureza passa a ser vista como um espaço a ser explorado e subtraído de seus recursos naturais. Consequentemente, a modificação drástica do ambiente ecológico gera um desequilíbrio com forte impacto no próprio homem. A mudança climática é um dos sinais mais graves da modificação desenfreada da natureza. Essas consequências despertaram a sociedade civil, que se viu na necessidade de alertar sobre os riscos dessa exploração.

A década de 1970 é o ápice do movimento ambientalista, que protestava contra a exploração desenfreada da natureza e pregava uma melhor utilização dos recursos naturais. Esse movimento, com ressonância em diversos aspectos da sociedade, também deixa vestígios na academia. Diversas áreas são influenciadas e começam a se atentar para a questão ambiental. A história é uma delas. Embora muitos historiadores neguem uma influência externa, é muito significativa a contribuição e influência do movimento ambientalista na constituição do que hoje se denomina História Ambiental. “A história ambiental, como campo historiográfico consciente de si mesmo e crescentemente institucionalizado na academia de diferentes países, começou a estruturar-se no início da década de 1970.” (PÁDUA, 2010, p. 81).

Nessa nova empreitada, o conhecimento histórico deve buscar comunicação com as mais diversas áreas, incluindo a geografia, a geologia, a botânica, a zoologia, a paleontologia, a agronomia, a climatologia, a ecologia, a demografia, a química, a história da ciência e tantas outras quantas se tornarem necessárias. A história ambiental apresenta-se como uma prática de conhecimento eminentemente interdisciplinar. Os campos de interesse são amplos e muitos poderiam ser os exemplos. Há uma história das mudanças climáticas e seus impactos, como no caso das variações do regime de chuvas na Europa medieval, ao longo do primeiro milênio de nossa era cristã, ou o estudo da desertificação de várias regiões na África pelo desflorestamento após a Segunda Guerra Mundial. (DUARTE, 2007, p. 95)

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar o Parque Municipal do Mocambo dentro das bases da história ambiental. Com uma história de aproximações e distanciamentos em relação à sociedade que o cerca, o parque oferece um amplo leque de possibilidades de análise e de interpretações. Com uma gama considerável de fontes e uma bibliografia referente à história ambiental, pretende-se localizar e investigar a inserção do parque dentro do contexto de modernização e urbanização da cidade de Patos de Minas. O Parque do Mocambo, nesse contexto, seria um “cinturão verde” em meio ao concreto e asfalto do dia a dia. Seria um espaço de refúgio contra a rotina estressante e um local de

contato com a natureza, com a parte intocada e não contaminada com a “selva de pedra”. “O José como sempre, no fim da semana guardou a barraca e sumiu. Foi fazer no domingo um passeio no parque, lá perto da boca do rio [...]”. (GILBERTO GIL, 1968).

## 2 O parque

Na cidade industrializada, o trânsito, o asfalto, a poluição, os edifícios que tomam conta da paisagem causam cada vez mais uma sensação de estafa e aprisionamento a uma rotina estressante. Como válvula de escape desse mundo de pedra, se tornam necessários espaços verdes para simular um contato com a natureza, que representa uma purificação, mesmo que momentânea e, por vezes, ilusória, da contaminação psicológica e física inerente às cidades modernas. O ambiente do parque surge nesse contexto.

O parque urbano de acordo com Rosa Kliass *apud* Macedo e Sakata (2002), é um produto da cidade da era industrial. Nasceu, a partir do século XIX, da necessidade de dotar as cidades de espaços para atender uma nova demanda social: o lazer, o tempo do ócio e para contrapor-se ao ambiente urbano. (AMORIM, 2013, p. 28)

O espaço verde é tido como regenerador e representa a ligação com a natureza num contexto de urbanização crescente e de separação entre natural e artificial. Esse espaço torna-se fundamental para a manutenção da qualidade de vida. Sente-se a necessidade de um reduto de tranquilidade, de ar puro, de contato com o natural. Uma vida cada vez mais urbana, portanto, cada vez mais longe da natureza representa a rotina diária maçante sem poder obter um momento de fuga e relaxamento. O parque se torna o local ideal para tal empreendimento. Uma espécie de oásis no deserto de concreto e aço.

Macedo e Sakata (2002) consideram parque urbano todo espaço de uso público estruturado por vegetação, destinado a recreação de massa, capaz de incorporar intenções de preservação, alguns possuem muitas vezes, a antiga destinação voltada basicamente para o lazer contemplativo. (AMORIM, 2013, p. 28)

O Parque Municipal do Mocambo insere-se nesse contexto de espaço verde como elemento de ligação do homem urbano com a natureza. Localizado na área central de Patos de Minas, o Parque do Mocambo possui 17 hectares de verde, como mostra a figura 1.

**Figura 1** – Localização do Parque do Mocambo



Fonte: Google Maps, 2018

Com uma história marcada pela alternância de momentos de protagonismo e importância na cidade, com momentos de descaso e abandono do poder público, o parque oferece campo para se discutir a relação entre o homem patense e a natureza que o cerca.

O Parque Municipal do Mocambo, empreendimento inicialmente particular denominado “Mocambo Clube de Recreio”, foi projetado pelo arquiteto Lizandro Souza na década de 1980. A construção foi demorada. Várias pessoas aderiram ao parque como um clube, algumas cotas foram vendidas. O local possuía piscinas, quadras, barzinho e muito verde. (AMORIM, 2013, p. 47)

Inicialmente particular, o parque foi criado com o objetivo de não somente visar retorno financeiro, mas também de oferecer um espaço de sociabilidade e contato com a natureza. Entre outras coisas, o parque abrigava o Córrego da Caixa d’água responsável pelo primeiro sistema de abastecimento de água de Patos de Minas.

A mata que se localiza dentro do Parque conhecida popularmente como “Mata do Tonheco” abriga em seu interior a nascente do córrego utilizado para o primeiro sistema de abastecimento de água da cidade de Patos de Minas, o chamado Córrego da Caixa d’água. (AMORIM, 2013, p. 47)

Com um início promissor, com vendas de cotas e com a promessa de desfrute e ligação com a natureza, o Mocambo Clube de Recreio não consegue ter o sucesso desejado e aos poucos vai se vendo em dificuldades para continuar seu funcionamento. Em 1985 o Mocambo Clube de Recreio atesta o fracasso da empreitada e deixa de pertencer aos antigos donos.

O local foi adquirido pelo poder público do município em 1985. Em 14 de novembro daquele ano, o então prefeito Arlindo Porto Neto sancionou a Lei n. 2.077/85 que autorizava a abertura de crédito especial no valor de Cr\$ 150.000.000 (cento e cinquenta milhões de cruzeiros) para fins de indenização pela desapropriação do “Mocambo Clube de Recreio”. (AMORIM, 2013, p. 47)

A partir desse momento, o poder público encampa a ideia inicial do Mocambo Clube de Recreio enquanto espaço verde no contexto urbano. Inicia-se o projeto para a construção do que hoje é o Parque Municipal do Mocambo, como mostram as figuras 2 e 3. A questão ambiental não é deixada de lado e várias leis municipais são editadas para preservar a “Mata do Tonheco” e o Córrego da Caixa d’água, bem como o parque como um todo. “A Lei n. 2.578/90 declarou de preservação permanente a área de proteção à nascente do Córrego da Caixa D’água e do Parque Municipal do Mocambo.” (AMORIM, 2013, p. 47).

**Figura 2** – Construção do Parque do Mocambo/Setembro de 1988



Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas.

**Figura 3** – Construção do Parque do Mocambo/Novembro de 1988



Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas.

No dia 24 de maio de 1990, data do aniversário da cidade, é inaugurado o Parque Municipal do Mocambo. A construção do parque impulsionou o crescimento urbano nas cercanias, antes local inabitado. O parque inicia suas atividades a partir daí com vários atrativos, entre eles um mini zoológico. O Mocambo se mantém ativo até 2001, quando é fechado para remoção dos animais selvagens e reparos nas jaulas. Esse fechamento representa o primeiro de outros que virão, constituindo-se em um processo de “idas e vindas” na história do parque.

O Parque do Mocambo será fechado, provisoriamente, para remoção dos animais selvagens e, com isso, promover pequenos reparos. O secretário de Serviços Públicos, Júlio César Fonseca, informou que esta medida está sendo adotada, para garantir segurança à comunidade. Segundo ele, o Parque precisa de uma atenção especial e, no primeiro momento, há necessidade de reparos imediatos nas jaulas dos animais que, por estarem deterioradas, comprometem a segurança dos visitantes. (FOLHA PATENSE, 2001 *apud* AMORIM, 2013, p. 54)

O parque nesse período entra em completo abandono, ficando alguns anos fechado. Em um novo impulso de revitalização e recolocação do parque como espaço de sociabilidade e contato com a natureza, são feitas reformas para habilitá-lo novamente à visitação. “Nos anos de 2004/2005, o parque passou por uma reforma e ampliação, onde foi feita a drenagem da bacia do Córrego da Caixa d’ água.” (AMORIM, 2013, p. 49).

**Figura 4** – Parque abandonado/2001



**Fonte:** Acervo do Museu de Patos de Minas.

**Figura 5** – Parque abandonado/2001



**Fonte:** Acervo do Museu de Patos de Minas.

**Figura 6** – Obras de recuperação do parque/2004



**Fonte:** Acervo do Museu de Patos de Minas.

**Figura 7** – Parque revitalizado e reinaugurado/2004



**Fonte:** Acervo do Museu de Patos de Minas.

Em 2004, é reinaugurado e, após o início esperançoso de continuidade, é entregue novamente ao descaso, inclusive com a tentativa de privatização do parque em 2007. O descaso permanece, até que, em 2015, após um novo período de fechamento, o parque é reaberto com melhorias e funciona até o presente momento. Percebe-se como a relação homem-natureza e, no caso em questão, Parque do Mocambo-sociedade é cheia de permanências e rupturas, ora com um apelo pelo verde, pelo natural, ora pelo abandono e pelo descaso.

### **3 Aspectos naturais**

É necessário, como objeto constituinte da história ambiental, se atentar para os aspectos naturais do Parque Municipal do Mocambo. A sua fauna e flora, bem como sua localização, influenciam o meio ambiente em que está situado.

O Parque Municipal do Mocambo configura-se como um fundo de vale, possui diversas nascentes e cursos d'água que ocasionam em alguns locais um solo encharcado e mais suscetível a erosão. O parque funciona como uma espécie de amortecedor para a força da água que desce da parte alta da cidade, o que reforça a função ecológica do local. As enchentes que ocorrem na Avenida Ivan B. Porto, por exemplo, poderiam ser muito mais intensas se o Mocambo não estivesse ali. (AMORIM, 2013, p. 59)

A história e importância do parque são anteriores ao próprio Parque Municipal do Mocambo. A relação de interdependência entre Patos de Minas e o Parque do Mocambo se inicia nos primórdios do século XX. Com o processo de crescimento da população, torna-se necessário um sistema mais abrangente de distribuição de água. Esse sistema é construído e é alimentado pelo Córrego da Caixa d'água, que fica na Mata do Tonheco, local que hoje pertence ao Parque do Mocambo.

Aproveitaram alguns lacrimais nas cabeceiras do Córrego da Mata, coletados por meio de pequenos canais de alvenaria, dos quais dois principais, depois de

receberem as contribuições dos outros, levam finalmente as águas a uma caixa de reunião, também construída de alvenaria. Trata-se da caixa mais antiga, conhecida por Caixa da Mata do Tonheco, com capacidade de 125.000 litros. Em 19 de julho de 1915, já se encontrava pronta a rede de distribuição. Naquela data, em caráter experimental, estando completamente cheio o reservatório, foi aberto o registro da linha de distribuição e, 50 minutos após, a rede estava inteiramente servida. (MELLO, 1971, p. 118)

Antes mesmo de se transformar em Parque Municipal do Mocambo, a Mata do Tonheco, juntamente com o Córrego da Caixa d'água, desempenhavam função primordial para a continuidade da então Santo Antônio dos Patos. O parque, que abarca também a Mata do Tonheco, logo após sua criação, foi colocado sob preservação ambiental, configurando-o em uma APP.

As Áreas de Proteção Permanente (APP's) urbanas constituem um elemento importante dentro do sistema de espaços livres da cidade, esses locais geralmente se configuram como áreas sem infraestrutura adequada, muitas vezes com ocupações irregulares. Entretanto esses espaços podem ter outros usos sem perder sua função ecológica, gerando áreas de lazer para a cidade. (AMORIM, 2013, p. 25)

A criação do parque insere-se tanto na questão do espaço verde para o lazer, quanto na proteção de áreas ambientais importantes no ecossistema da cidade. Também há um valor histórico, visto que a localidade foi a responsável pelo primeiro sistema de abastecimento de água da cidade. Destaca-se, nesse sentido, a lei 2.578 de 1990, que “declara de preservação permanente área de proteção à nascente do Córrego da Caixa d'água e do Parque Municipal do Mocambo”. Percebendo-se a importância e o valor histórico da localidade, tem-se o processo de tombamento dos respectivos bens culturais do município. O decreto nº 3.141, de 27 de setembro de 2008, ratificou o tombamento da Mata do Tonheco.

Em relação aos aspectos naturais, merece atenção também as espécies que constituem a Mata do Tonheco, tida como uma mata de galeria. A história ambiental, como uma área interdisciplinar, tem em seu corpo de análise também o diálogo com as ciências naturais, o que configura o trabalho de campo da pesquisa. “Segundo Kageyama (1986), o ambiente de Mata de Galeria em geral é bastante heterogêneo, com elevado número de espécies.” (AMARAL; DO VALE; LONDE, 2012, p. 361).

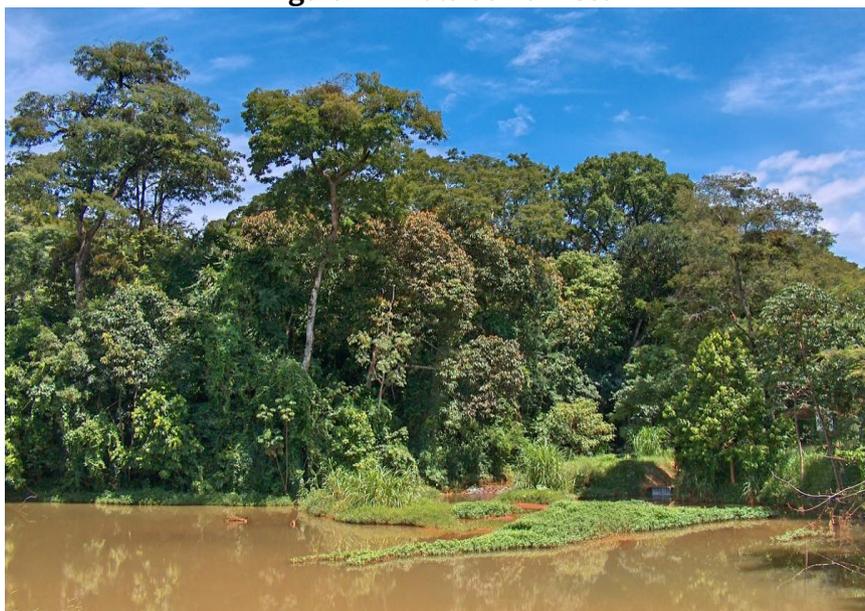
As famílias de maior Índice de Valor de Importância (IVI) foram Meliaceae, Mimosaceae, Caesalpiniaceae, Piperaceae e Ulmanaceae que, em conjunto, representaram 39,82% do IVI total. Quanto à riqueza de espécies, as famílias mais representativas foram em ordem decrescente: Meliaceae (sete espécies), Caesalpiniaceae (cinco), Bignoniaceae (cinco), Piperaceae (quatro), Lauraceae (quatro) e Moraceae (quatro). Meliaceae, Mimosaceae, Caesalpiniaceae são famílias importantes para florestas ciliares, geralmente apresentando muitas espécies (RODRIGUES; NAVE, 2000), logo a mata de galeria do Parque Municipal do Mocambo possui uma boa representatividade das principais famílias ocorrentes próximos a ambientes ripários. (AMARAL; DO VALE; LONDE, 2012, p. 361)

Nesse sentido, a mata do Parque do Mocambo apresenta uma boa representatividade das principais espécies presentes nos ambientes ripários, ou seja, aquelas espécies que se desenvolvem em meios onde há interação entre vegetação, solo e um curso d'água, representado pelas várias nascentes no interior do parque.

A ocorrência de muitas árvores mortas no interior da mata pode ser tanto consequência natural como parasitismo, competição por nutrientes e luz, ou ainda decorrente de perturbações introduzidas pelo homem. De fato existem trilhas internas construídas de concreto ao longo da mata e houve limpeza da área durante muitos anos no passado, promovendo a retirada da matéria orgânica da borda da mata, o que provavelmente reduz o teor de nutrientes no solo e o estabelecimento das plantas. Rosa, Schiavani (2006), explicam que um número significativo de indivíduos mortos em pé e a grande quantidade de espécimes caídos no solo da mata, refletem a necessidade de se estabelecer propostas de manejo que visem garantir o futuro dessa comunidade. (AMARAL; DO VALE; LONDE, 2012, p. 365)

O grande número de espécies mortas no interior da mata é, certamente, consequência das inúmeras “idas e vindas” do parque. Sua história, marcada por momentos de valorização e usufruto e por descaso e abandono, ocasiona um desgaste na parte ambiental. Com processos de deterioração e posteriormente de revitalização constantes, gerando quase um círculo vicioso, o ecossistema ali presente sofre graves consequências. As árvores mortas encontradas são resultado de um descaso inicial e, à mercê de projetos políticos, interferências na estrutura biológica do local. “Apesar de alterado em sua composição florística e estrutura, é um remanescente florestal de extrema importância para a região.” (AMARAL; DO VALE; LONDE, 2012, p. 366).

**Figura 8** – Mata do Tonheco



**Fonte:** Acervo do Museu de Patos de Minas.

#### **4 O verde no concreto**

A década de 1950/60 representa um marco na história da urbanização brasileira. A chegada de Juscelino Kubitschek à presidência da república em 1956 é ponto culminante desse movimento. Com o lema “50 anos em 5”, pretendia-se avançar no sentido de realizar uma industrialização e urbanização em tempo recorde no Brasil. A construção de Brasília, surgida do zero, é o maior exemplo disso. A implantação da indústria automobilística impulsiona o crescimento das cidades, na medida em que, além da geração de empregos,

necessita de uma malha urbana que possa absorver todos os veículos que ali se concentram.

Com o aumento significativo das populações urbanas e, conseqüentemente, o êxodo rural, as cidades começam a se agigantar e a abarcar uma gama de elementos e funções diversas em sua constituição espacial. No decorrer do tempo, como válvula de escape da sufocante cidade de concreto, passa-se a utilizar cada vez mais os sistemas de espaços livres que, segundo Amorim (2013, p. 22), são um “conjunto de espaços urbanos destinados ao pedestre para o descanso, o passeio, a prática esportiva e, em geral, o recreio e entretenimento em sua hora de ócio”. A cidade com seus múltiplos usos e elementos constituintes passa a abarcar também esses espaços, como forma de oferecer lazer e entretenimento aos seus habitantes, retirando-os da rotina urbana desgastante.

O espaço urbano é composto por uma gama de variações de usos, entre eles habitacional, comercial, industrial, recreativo e outros. Os espaços verdes também são um tipo de uso no espaço urbano, e fazem parte de um sistema de espaços livres. A cidade é um conjunto de elementos, sistemas e funções entrelaçados, os espaços livres são um dos principais sistemas que formam o organismo, capazes de estruturar toda a configuração urbana. Entretanto esses espaços precisam estar interligados com os diversos usos que a cidade abriga, para que de fato sejam utilizados pela população. (AMORIM, 2013, p. 22)

O Parque Municipal do Mocambo insere-se nesta perspectiva de oferecer ao cidadão patense uma opção que o retire da rotina diária, oferecendo lazer e um contato direto com a natureza, entendida como reduto de tranquilidade e “pureza” ecológica. A edição do jornal Vox Patos de 24 a 30 de junho de 1988 nos traz um indicativo desse uso pretendido do Parque do Mocambo.

O Parque Municipal do Mocambo, já com as obras aceleradas, busca aliar a opção de lazer aos cuidados necessários para a preservação natural do meio ambiente, evitando edificações e/ou benfeitorias prejudiciais aos recursos naturais já tão expostos à ação predatória do próprio homem [...] A construção do Parque Municipal, destina-se essencialmente a oferecer a população, uma opção de lazer e esporte, que não lhe custe nenhum ônus, seja de ingresso ou taxa de manutenção, sendo mantido exclusivamente pelo próprio município (Parque Municipal do Mocambo, Jornal Vox Patos, Patos de Minas, Junho de 1988).

Patos de Minas, configurando-se em uma cidade de médio porte, tem nos espaços livres e áreas verdes um importante elemento de lazer e contato com a natureza. O parque, portanto, constitui-se em importante fator de preservação do meio natural, como bem exemplifica a notícia, em que a construção do mesmo pretende evitar “edificações e/ou benfeitorias prejudiciais aos recursos naturais já tão expostos à ação predatória do próprio homem”.

Em uma cidade de grande porte, uma metrópole ou megalópole as áreas verdes tem uma grande função de respiro urbano. Nas cidades médias a questão do respiro urbano não é tão forte, e outras funções se tornam mais evidentes: ecológicas, estéticas, sociais, culturais, econômicas, e de lazer. (AMORIM, 2013, p. 29)

A construção do parque, além de oferecer lazer e preservação da natureza, também impulsiona a urbanização da área que circunda o Mocambo. Uma das motivações que levaram ao fracasso o empreendimento particular do “Mocambo Clube de Recreio” foi a

alegação de distância para as áreas centrais da cidade. O espaço do parque na época era isolado e sem habitações. Com o início da construção, no final da década de 1980, a povoação do entorno é estimulada e começam a se formar os bairros vizinhos. A figura 9 mostra-nos este crescimento urbano.

**Figura 9** – Aumento habitacional no entorno do Parque do Mocambo



**Fonte:** Acervo do Museu de Patos de Minas.

O espaço verde, no entanto, deve ser organizado e possuir estruturas que permitam o melhor aproveitamento por parte dos cidadãos. A presença de árvores, jardins ou outros aspectos naturais de forma aleatória e esparsa não atendem à necessidade de lazer e preservação ambiental.

Embora praticamente todas as cidades apresentem áreas verdes públicas, poucas têm esses espaços de forma organizada, de modo que não passam de espaços desconectados na malha urbana, sem qualidade e manutenção. Uma boa gestão urbana de áreas verdes não consiste em apenas incentivar a plantar árvores nos passeios, praças e parques, é preciso cuidar de todo o sistema de espaços livres. (AMORIM, 2013, p. 31)

A gestão que encampou o então projeto fracassado do “Mocambo Clube de Recreio” em 1985 e construiu o Parque Municipal do Mocambo também realizou várias obras no sentido da urbanização da cidade de Patos de Minas. Tendo como chefe do executivo municipal Arlindo Porto, várias construções foram edificadas nesse sentido. Entre elas estão a construção da Escola Agrícola, da Avenida Juscelino Kubitschek, a urbanização do Córrego do Monjolo<sup>2</sup>, além da construção do Parque do Mocambo.

O Parque do Mocambo configura-se, nesse contexto, em um dos “motores do progresso” para a cidade. Além de impulsionar a urbanização, de promover o lazer, preservar áreas ambientais importantes – como o Córrego da Caixa d’água, dentro da Mata

---

<sup>2</sup> CPDOC, FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/porto-arlindo>. Acesso em: 26 jun. 2018.

do Tonheco, no coração do parque – a edificação representa também um grande marco para a gestão Arlindo Porto, dentro de um projeto de modernização de Patos de Minas.

O ideal de progresso era o que permeava essas construções. Particularmente ao Parque Municipal do Mocambo, além de também ter incutido o ideal de progresso, havia a questão do lazer. Esse aspecto era muito enfatizado na imprensa, tendo no Mocambo um local apropriado para fugir da rotina diária, com a natureza representando o escape necessário ao urbano da cidade (O progresso trouxe lazer. *Jornal Folha do Cerrado*, Patos de Minas, Maio, 1990; Mais uma opção de Lazer, *Jornal Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25/06/1988).

A história do Parque do Mocambo é cheia de momentos de evidência, de grande movimento de pessoas, de público ativo, contrastando com momentos de declínio, de má gestão, de desprezo e de abandono. Isso tem como pano de fundo as várias gestões municipais que tinham diferentes prioridades para se atentar no momento em que estiveram no comando da prefeitura.

As discontinuidades políticas, trocas de gestão, são um dos fatores que contribuem para o descaso dos espaços verdes. Um plano de áreas verdes, implantação de uma praça, arborização de um bairro, são ações de longo prazo. Todo esse processo é prejudicado com a alternância de grupos políticos na administração, pelo fato de que as políticas, os planos e metas traçados não vão além do período de gestão, isso ainda quando chegam a ser efetivados. (AMORIM, 2013, p. 31)

O parque, após um período ativo de 11 anos – de 1990 até 2001 – cai no abandono e é fechado em 2001. Depois de três anos inativo, uma reforma traz o funcionamento normal de volta ao Mocambo, no final de 2004. Esse novo projeto de revitalização do Parque do Mocambo insere-se em uma nova “onda de progresso” da administração municipal. Há uma série de projetos para fazer Patos de Minas progredir. É o que revela o mote “Patos de Minas volta a atrair empreendimentos que geram empregos e renda” constante no boletim informativo “Alô Patos”, da prefeitura municipal, de junho de 2004.

A reforma e ampliação do parque insere-se nesse ideal de “progredir” rumo ao desenvolvimento econômico, à geração de empregos e renda para a população patense. Tudo isso aliado à proteção ambiental e boa utilização dos recursos naturais, com ênfase na agricultura familiar (Reforma e ampliação do Parque Municipal do Mocambo, Boletim informativo da prefeitura de Patos de Minas, Patos de Minas, Junho de 2004).

Após essa reforma e a esperança de continuidade das atividades do parque, ele é novamente deixado de lado e entregue ao abandono. Em 2007, há uma tentativa de privatização do mesmo, que é barrado pelo apelo popular. Em 2010, é feita uma parceria com a COPASA (Companhia de Saneamento de Minas Gerais) para auxiliar a gestão municipal. No entanto, nada disso impede que o local se torne um terreno à deriva e sem possibilidade de desfrute por parte da população local.

As condições de segurança e estrutura do Parque Municipal do Mocambo em Patos de Minas, no Alto Paranaíba, têm gerado transtornos aos moradores. De acordo com a população, o parque, onde também está localizado o conservatório municipal, foi abandonado. (DIRRAH, 2013)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Parque de Patos de Minas, MG está abandonado, afirmam moradores. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/03/parque-de-patos-de-minas-mg-esta-abandonado-afirma-moradores.html>>. Acesso em 26 de junho de 2018.

**Figura 10** – Parque completamente abandonado/2013



**Fonte:** Amorim, 2013.

Em 2015, o parque retoma novamente suas atividades depois do período de abandono. Com novas atrações, incluindo os pedalinhos, o parque encontra-se funcionando desde então.

**Figura 11** – Retomada das atividades do Parque do Mocambo



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Patos de Minas

Podem-se perceber as diversas alternâncias de importância que o parque teve para as administrações municipais que passaram por esse período. O parque, dessa forma, é um importante instrumento do jogo político que se fez e ainda se faz em Patos de Minas.

## 5 Representações e usos sociais do Mocambo

O Parque do Mocambo não está situado apenas como objeto político, como agente de progresso e urbanização ou como espaço de contato com a natureza. Ele também está presente no imaginário popular, representando diferentes usos e significações em diferentes momentos de sua história.

**Figura 12** – Socialização na área onde hoje está o parque



**Fonte:** Acervo do Museu de Patos de Minas.

A figura 12 mostra-nos que, mesmo antes de concebido o Parque do Mocambo, já havia no imaginário popular uma ideia de espaço de sociabilidade e lazer naquela área, que posteriormente abrigaria o Mocambo.

No final da década de 1970, quando Lizandro Souza cria o “Mocambo Clube de Recreio”, este já nasce dentro do ideal do lazer, encontrando-se com a natureza.

Com este empreendimento, os usos sociais se diferenciam em épocas distintas do ano. Em fevereiro, período do carnaval, o espaço se torna um ambiente propício para que as pessoas desfrutem das marchinhas e confetes. A edição de 7 de fevereiro de 1981 do jornal Correio de Patos mostra-nos a agitação que tomava conta deste e de outros clubes pela cidade.

Carnaval começa a tomar conta dos clubes. Patos Social, Caiçaras Recreativa, Mocambo já se preparam com as providências necessárias. Carnaval de rua será bem mais animado este ano. O Clubinho Carnavalesco também está bolando a melhor maneira de jogar o folião nas ruas (Carnaval agitando os patenses, Correio de Patos, Patos de Minas, 07/02/1981)

Não só o carnaval, como também o calor fazia com que a população procurasse o “Mocambo Clube de Recreio”. Naturalmente, esse espaço no meio do verde e em constante contato com a natureza se tornava o local ideal para se refrescar e confraternizar com os amigos. “Com o calor que daqui uns dias deve estar chegando por aí, o Mocambo Clube estará novamente sendo aquele ponto de encontro de nossa cidade” (Jornal Vox Patos, Patos de Minas, 16/08/1980).

O lazer, sem dúvida, era a função maior que o parque deveria cumprir no imaginário popular. Já com o Parque Municipal do Mocambo sendo construído, isso se reforça, por ter da parte da administração municipal a iniciativa de promover um espaço apropriado para o lazer. Um artigo do jornalista Oswaldo Amorim é indicador dessa necessidade de áreas de lazer. Segundo ele,

cumprir incentivar aí, a meu ver, a prática de pic-nics, através da construção de quiosques, com mesas e bancos, (que devem ser colocados também sob as árvores), e outros equipamentos adequados, incluindo bar, restaurante e/ou lanchonete. Bem como facilitar o acesso do público ao local, através de linhas de ônibus que sirvam ao Parque aos domingos, feriados e dias-santos (AMORIM, Oswaldo. O Parque do Mocambo. A Debulha, Patos de Minas, 15/12/1988)

Atualmente o parque é palco de socializações da população em geral, como também sedia shows do Festival Marreco de Cultura Independente.

**Figura 13** – Festival Marreco no Parque do Mocambo



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Patos de Minas  
(<http://patosdeminas.mg.gov.br/noticias/read.php?id=2796>)

É possível perceber os diferentes usos e as distintas representações sobre o Parque do Mocambo no decorrer dos vários momentos históricos. De um espaço de “reencontro com a natureza”, passando pelas festividades do carnaval, por um local de refresco no calor, pela necessidade do lazer e sediando um festival de cultura independente. Ademais, cada frequentador possui particularmente a sua representação e os seus usos pessoais do Mocambo, aspecto esse que não se pode mensurar neste estudo. O parque é, indubitavelmente, espaço de sociabilidades e relação homem-natureza.

## 6 Conclusão

O Parque Municipal do Mocambo configura-se em elemento importante da paisagem patense. Local do primeiro sistema de abastecimento de água do município passou por inúmeras transformações ao longo do tempo. Essas transformações o moldaram ao que é hoje. Com uma história cheia de “idas e vindas”, alternando entre períodos de destaque, de público ativo, de grandes movimentações, com períodos de má gestão, desprezo e abandono, o Mocambo moldou-se também no imaginário dos cidadãos de Patos de Minas. Elemento tido como impulsionador do progresso, teve importância na constituição e urbanização dos bairros ao redor. Espaço de contato com a natureza e reduto de proteção ambiental, o parque mostra-nos explícita a relação intrínseca e mútua entre homem-natureza. Tanto o Mocambo influenciou Patos de Minas e seus cidadãos, como estes também influenciaram e moldaram a constituição física e biológica do parque. Apropriando-se do poema de Drummond, é possível dizer, para ilustrar essa relação, que “no meio do caminho tinha um Mocambo, tinha um Mocambo no meio do caminho”.

### Acervo utilizado

Museu da Cidade de Patos de Minas

### Referências

AMARAL, Alice Fátima; DO VALE, Vagner Santiago; LONDE, Patrícia Ribeiro. Estrutura de uma comunidade arbórea de um fragmento de mata de galeria do Parque Municipal do Mocambo, Patos de Minas (MG). *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 13, n. 43, out. 2012.

AMORIM, N.C.R. *Requalificação do Parque Municipal do Mocambo - Patos de Minas*. Monografia em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2013.

DE ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DE OLIVEIRA, Ana Maria Soares. Relação homem/natureza no modo de produção capitalista. *Revista Pegada*, v. 3, 2002.

DUARTE, Regina Horta. *História & natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GILBERTO GIL. Domingo no Parque. 1968. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/domingo-no-parque.html>. Acesso em: 1 jun. 2019.

GONÇALVES, C. Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1998.

MELLO, Oliveira. *Patos de Minas: capital do milho*. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos avançados*, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.